



DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**RENIELLY SALVINA FREIRE**

**DE PETER PAN A MONTEIRO LOBATO: UMA  
RELEITURA DO CLÁSSICO**

**GUARABIRA – PB  
2014**

**RENIELLY SALVINA FREIRE**

**DE PETER PAN A MONTEIRO LOBATO: UMA  
RELEITURA DO CLÁSSICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA – PB  
2014**

F866p Freire, Renielly Salvina

De Peter Pan a Monteiro Lobato: uma releitura do clássico  
[manuscrito] : / Renielly Salvina Freire. - 2014.  
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento  
de Letras".

1.Literatura Infantil. 2. Releitura. 3. Clássico. I. Título.

21. ed. CDD 028

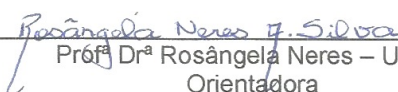
**RENIELLY SALVINA FREIRE**

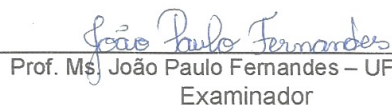
**DE PETER PAN A MONTEIRO LOBATO: UMA  
RELEITURA DO CLÁSSICO**

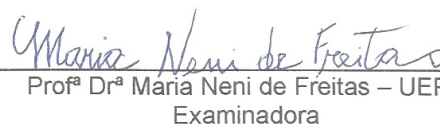
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 05 de dezembro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Profª Drª Rosângela Neres – UEPB  
Orientadora

  
Prof. Ms. João Paulo Fernandes – UFPB  
Examinador

  
Profª Drª Maria Neni de Freitas – UEPB  
Examinadora

# DE PETER PAN A MONTEIRO LOBATO: UMA RELEITURA DO CLÁSSICO

FREIRE, Renielly Salvina<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma releitura do clássico “Peter Pan e Wendy”, de James Barrie, adaptado por Monteiro Lobato, com o título “Peter Pan”, fazendo uma análise comparativa, a fim de mostrar o modo como Lobato se apropria de personagens clássicos da literatura infantil estrangeira, recontando-os em uma intersecção com a cultura brasileira. Como aporte teórico utilizamos os conceitos da literatura infantil, suas narrativas e características, desenvolvidos pelos autores Cademartori (2006), Cunha (2003), Coelho (2000), Hunt (2010), dentre outros. Partindo da perspectiva do contexto do surgimento da literatura infantil desde os primórdios até à modernidade, percebemos que Lobato reconta histórias que são universais, atualizando-as e aproximando-as de nosso contexto nacional.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Releitura. Clássico.

## 1 INTRODUÇÃO

*“Todas as crianças crescem, exceto uma.” (BARRIE, 1999, p. 3)*

Quem na vida, ao menos uma vez não ouviu falar do menino que não queria crescer? E quem não desejou vê-lo, viajar com ele para a Terra do Nunca ou até mesmo ser o próprio Peter Pan? A Literatura Infantil é capaz de abrir caminhos para o desenvolvimento da imaginação das crianças, bem como suas emoções e sentimentos, unindo ficção e realidade em um só contexto, de forma lúdica e significativa, permitindo que a criança faça uma viagem ao mundo da imaginação, já que este é um mundo tão inerente à infância.

Ao falarmos de Literatura Infantil, recordamos o quão difícil foi a aceitação desse gênero por parte até mesmos de muitos autores europeus e

---

<sup>1</sup> Formanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: renysalvina@gmail.com.

brasileiros. A princípio, não se tinha uma literatura voltada especificamente para as crianças. Foram a coleta e a organização de histórias do contexto oral realizadas pelo francês Charles Perrault, que originaram as histórias para crianças.

Quando se consideram as narrativas coletadas, portanto, é preciso levar em conta dois momentos: o momento do conto folclórico, sem endereçamento à infância, circulando entre adultos, e, mais tarde, a adaptação pedagógica com direcionamento à criança. (CADEMARTORI, 2006, p. 40)

No Brasil, Monteiro Lobato foi pioneiro na coleta de contos e transformou-se em um grande adaptador. Com criações originais, Lobato constrói personagens brasileiros, dentro do Sítio do Pica Pau Amarelo, trazendo para dentro do Sítio personagens estrangeiras de diversos contos clássicos. Lobato transforma o Sítio em um espaço mágico, real e ficcional, fazendo com que os moradores se relacionem diretamente com diversos personagens da ficção tradicional, bem como da contemporaneidade. Dentre esses personagens, encontramos Peter Pan, personagem do escritor britânico James Matthew Barrie ou, como conhecido, J. M. Barrie.

Utilizando o processo de intertextualidade, Lobato se apropria do personagem de 1911 criado por Barrie, quando escreve a adaptação do clássico intitulada “Peter Pan” (1930), que narra história do menino que não quer crescer é contada por Dona Benta, aos moradores do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Segundo Fiorin, a intertextualidade ocorre com a presença de duas vozes no mesmo texto discursivo: “a intertextualidade é a incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (Fiorin, 1994, p. 30). Para isso, é necessário ter em mãos o texto original e a adaptação do mesmo, fazendo com que aconteça um diálogo entre ambos.

Sendo assim, esta pesquisa objetiva analisar, de forma comparativa, o texto clássico e sua adaptação, bem como apontar alguns aspectos da intertextualidade na obra infantil de Lobato, em relação à obra “Peter Pan e Wendy”, na tentativa de aproximar a história inglesa das crianças brasileiras.

No primeiro momento, apontamos resumidamente o surgimento da Literatura Infantil, com um enfoque da introdução do gênero literário no Brasil e as adaptações feitas por Monteiro Lobato para o público brasileiro. Por fim, analisamos o clássico “Peter Pan e Wendy”, de James Barrie, e a versão lobatiana, “Peter Pan”.

## **2 SOBRE A LITERATURA INFANTIL**

A Literatura Infantil surgiu da tradição oral, através dos servos contadores de histórias da idade média, que naquela época se integravam à vida doméstica. Essa época foi marcada por uma desvalorização dos laços amorosos. As crianças participavam das mesmas atividades que os adultos, sem haver uma aproximação afetiva de ambas as partes. Não havia sequer uma literatura própria para os pequenos, elas eram tratadas em tudo como miniaturas dos adultos e, por isto, sujeitos a ouvirem histórias que não lhes despertava prazer algum, afinal, o principal interesse que havia por traz dessas leituras era acelerar o processo de maturidade da criança e transformá-las em um adulto em potencial.

No que diz respeito à literatura, havia uma separação entre as crianças da nobreza e as crianças das classes menos favorecidas. As nobres, orientadas pelos preceptores, liam os grandes clássicos, e as menos favorecidas liam, ou no geral, ouviam as histórias de cavalaria. Os contos da tradição oral chegaram ao francês Charles Perrault, no final do século XVII, o qual realiza uma coleta de contos e lendas da Idade Média tais como Cinderela e Chapeuzinho Vermelho, fazendo adaptações e dando origem assim aos contos de fadas, textos voltados especificamente para as crianças.

Cadernatori (2006) aponta que Perrault, por sua origem burguesa, despreza as superstições populares e, como homem culto, as ironiza. Seus contos em alguns momentos caracterizam-se por certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante, através de uma literatura pedagógica.

O aspecto moralizante dos contos de Perrault é decorrente dos interesses pedagógicos burgueses, que nada tem haver com o popular. Tais aspectos eram definidos pela Contrarreforma. Até meados do século XVIII

ainda havia uma influência muito grande da igreja sobre a literatura, por isso, a moral é uma preocupação cristã. Com o passar do tempo, a arte superou os princípios doutrinários e obteve maior expressividade e liberdade criadora.

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 2003,p. 22).

A Literatura Infantil chega ao Brasil em meados do século XIX. Um pouco antes, já havia algumas adaptações de obras pedagógicas de produções portuguesas, porém a literatura infantil brasileira propriamente dita se inicia a partir da obra de Monteiro Lobato. O autor está no imaginário das crianças como criador dos brasileiríssimos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. Foi o primeiro escritor brasileiro a escrever livros paradidáticos. Aprender brincando, aprender de forma lúdica, eram as premissas de Lobato. O autor foi também pioneiro na edição de livros no Brasil e na adaptação de contos de fadas e das obras “Pinóquio” e “Peter Pan”.

Em 2012, uma grande discussão acerca do suposto racismo de Monteiro Lobato foi levanta e muito de sua obra ficou prejudicada, em decorrência disso. Alega-se que os termos de referência aos personagens negros de sua obra seriam manifestações racistas, o que gerou muita polêmica. Na verdade, Lobato veio de um período escravocrata (1882), em que as pessoas ainda tinham escravos e o contexto referente à problemática da sociedade no país era ainda muito tenso. Não obstante, sua criação dentro desse universo e no período em que ele escreve reflete essa mentalidade e o anacronismo foi suficiente para que um novo olhar fosse dado à sua obra.

Infelizmente, por muito tempo existiu um preconceito em cima da Literatura Infantil, considerada por alguns um gênero menor em decorrência da própria denominação. Até por parte de vários autores europeus e brasileiros que para não se sentirem menores, diziam não escrever para crianças. Aqui, levantam-se algumas questões: não poderia um adulto se interessar por um livro infantil ou visse e versa? Como não se encantar com personagens dos



contos de fadas, como a Branca de Neve? Como não se divertir com as peripécias da Emília ou com as aventuras de Peter Pan?

O que temos na verdade não é um gênero menor e sim uma obra literária de linguagem aguçada, interpretação intensa e alta criação psicológica. Os textos infantis são riquíssimos, por isso, não se pode confundir uma proposta de abordagem simples com uma iniciativa facilitadora ou pueril.

Segundo Nelly Novaes Coelho:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (2000, p. 27)

A essência da literatura é a arte, ela é antes de qualquer coisa objeto artístico, não podendo assim se prender a questões de nomenclatura ou preconceitos. Na literatura infantil, a criança acessa um mundo de fantasias e diversão, de sonhos que se tornam realidade, no maravilhoso mundo da imaginação de finais sempre felizes. Cunha (2003, p.99) afirma que “essa história interessante deve ter o desfecho feliz” e muitas das histórias infantis seguem esse requisito. Se o adulto é capaz de ler um livro ou vê um filme que acabe mal, sem deixar de apreciar o livro ou o filme, pelo aspecto puramente artístico, ou pela realidade da vida neles apresentada, tal não se pode esperar da criança. Normalmente ela vive a história, identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável seria decepcionante e doloroso para ela.

Imagem e palavra estão intrinsecamente ligadas. O colorido dos livros infantis encanta as crianças e as proporciona uma interpretação mais ampla das histórias. Elas rejeitam textos de narrativa lenta, não-linear, com ações enfadonhas, ou com excesso de pensamentos. A narrativa feita para crianças deve ter ação contínua e movimento, “precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário”, como nos diz Monteiro Lobato.

### **3 JAMES BARRIE E O CLÁSSICO “PETER PAN”**

James Barrie nasceu em Kirriemuir, na Escócia, em 9 de maio de 1860. Era o nono de dez irmãos. Quando tinha sete anos, seu irmão mais velho,

David, sofreu um acidente quando patinava no gelo e faleceu. Existe uma possibilidade de que a história de Peter Pan tenha sido inspirada por este fato, David tinha morrido com tão pouca idade que seria eternamente jovem.

Costumava ouvir muitas histórias de pirata, contadas pela mãe, daí a inspiração para a Terra do Nunca, um lugar mágico, no qual existe beleza e sonho e as pessoas vivem eternamente. Como a vida do autor foi cercada por muitas perdas de entes queridos, a Terra de Nunca era um refúgio, no qual o menino que nunca queria crescer podia conviver para sempre com as pessoas que amavam.

O personagem Peter Pan começou a aparecer em 1902, no livro *The Little White Bird*. Em 1904, Barrie levou ao palco a peça “Peter Pan, or The Boy Who Wouldn’t GrowUp”(Peter Pan, ou o menino que não queria crescer). O sucesso foi tão grande e imediato que, no ano seguinte, uma versão da peça foi encenada em Nova York.

Em seguida, Barrie lança o livro “Peter Pan in Kensington Gardens” em 1906 e, finalmente, em 1911 o autor publicou a narrativa “Peter and Wendy” (Peter e Wendy) que se tornou um célebre conto infantil. A peça teatral encenada em 1904 só foi publicada em 1928 (BARRIE, 1999, p. 6).

Ao longo dos anos, a história do menino que morava na Terra do Nunca e que não queria crescer encantou crianças e jovens do mundo todo. Peter Pan nasceu em Londres, mas não se sabe o dia nem se sabe muito sobre os seus pais também, já que ele fugiu de casa após ter ouvido seus pais discutindo sobre o seu futuro, sobre o que ele poderia ser quando crescesse. A ideia de se tornar adulto lhe causou aflição, já que seu desejo era ser eternamente criança e, então, antes que ele viesse a formar vínculo com seus pais, decidiu fugir para Kensington Gardens (BARRIE, 1999).

Peter adorava as histórias que a adorável Sra. Darling contava aos seus filhos e sempre visitava a casa dos Darling em busca de novas histórias para contar aos meninos perdidos. Certo dia, em uma de suas visitas, acidentalmente a sombra de Peter fica presa na janela do quarto de Wendy e seus irmãos:

Ao voltar para o quarto dos filhos, a sra. Darling se deparou com Naná segurando na boca uma coisa que, conforme descobriu pouco

depois, era a sombra de Peter Pan. Quando o menino saltou sobre o parapeito, a cadela havia corrido para fechar a janela e tentar impedir a fuga; não conseguiu, mas a sombra dele não teve tempo de escapar e ficou presa na janela. (BARRIE, 1999, p. 11)

Sem sua sombra o menino se desespera e volta para resgata-la. Encontra a sombra bem dobradinha na gaveta e tenta de todas as formas colá-la de volta, até com sabão. Como não obtém êxito começa a chorar, pensando ficar um menino sem sombra, quando de repente é surpreendido por Wendy. Depois de ser ajudado pela menina e de uma boa conversa, desejoso de providenciar uma mãe para os Meninos Perdidos, ele convida Wendy para ir para a Terra do Nunca com ele. A princípio, ela hesita, mas a curiosidade em conhecer tal lugar com fadas, sereias, piratas e tudo mais é mais forte e ela vai junto com os seus irmãos. A fada sininho, a primeira que Wendy conheceu ainda em sua casa, desde o primeiro encontro despreza Wendy, por ciúmes dela com Peter.

Na Terra do Nunca, os irmãos Darling vivem inúmeras aventuras e fantasias que ultrapassam a barreira do “faz de conta” e passam a ser vivenciadas. Na derradeira luta contra o Capitão Gancho, Peter Pan o vence e toma o comando o seu navio:

O capitão Gancho teve um último triunfo, que devemos reconhecer. Quando estava no parapeito, olhando por cima do ombro para Peter, que pairava no ar, ele o convidou com um gesto a lhe dar um pontapé. Assim, Peter o chutou, em vez de esfaqueá-lo. Finalmente Gancho recebeu o privilégio que tanto desejava. — Mal-educado! — gritou, zombeteiro, e todo contente se entregou ao crocodilo. Assim morreu Jaime Gancho. (BARRIE, 1999, p. 138)

Wendy Ficou a observar com um brilho no olhar, a luta de Peter com o Capitão Gancho, admirada com a satisfação do crocodilo em devorar o capitão. Todavia, a menina havia percebido que seus irmãos tinham se esquecido de sua verdadeira mãe e decidiu voltar, Peter usou o navio para levar os irmãos Darling de volta para casa a pedido de Wendy. Os meninos perdidos também desejam ir e, na volta para casa, o Senhor e a Senhora Darling se surpreendem em receber não somente os seus filhos de volta, mas também os Meninos Perdidos, que encontram nesse lar a possibilidade de crescerem e ter uma mãe de verdade. Peter Pan volta para a Terra do Nunca, onde vive jovem

eternamente e, de tempos em tempos, retorna à casa de Wendy para visitá-la e, mais tarde, à sua filha, depois à sua neta, e assim por diante.

#### **4 PETER PAN SOB O OLHAR LOBATIANO**

A história de Peter Pan e Wendy chegou ao Brasil pelas mãos de José Bento Monteiro Lobato, que publicou sua versão em 1930. Lobato traz a história para perto do leitor brasileiro e dá a ela uma nova roupagem, a possibilidade de ser recontada. Sob o título “Peter Pan: a história do menino que não queria crescer”, o conto é narrado por Dona Benta aos netos e demais personagens do Sítio.

Vale salientar que Lobato não faz uma tradução literal e sim uma adaptação, já que conta com acréscimos e com intervenções da boneca Emília e outros personagens do Sítio. A essência da história clássica, no entanto, permanece. O principal objetivo de Lobato não era apresentar ao nosso público infantil o clássico inglês, mas aproximá-lo, enquanto literatura universal, do público brasileiro. Proporcionando uma intersecção entre o clássico e o popular, o autor apresenta os personagens de Barrie em diálogo com os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo.

A narrativa inicia com a recordação da aparição de Peter Pan em As Reinações de Narizinho:

- Mas quem era Peter Pan? - Ninguém sabia, nem a própria Dona Benta, a velha mais sabida que há. Para Emília, era inadmissível que Dona Benta não soubesse quem era Peter Pan, e o Gato Félix sabia e ordenou que tratasse de saber imediatamente, e foi o que ela fez, escreveu a uma livraria e pediu que mandasse o livro. Com a chegada do livro, ela o lê e diz: - Pronto! Já sei quem é o senhor Peter Pan, e sei melhor do que o Gato Félix, pois duvido que ele haja lido este livro. (LOBATO, 2011, p. 12)

Com essa fala, Dona Benta evidencia o prazer que o próprio Lobato tinha por livros desde criança, quando descobriu a biblioteca do seu avô, o Visconde de Tremembé. A figura de Dona Benta como contadora de história nos remete aos antigos contadores de história da tradição oral os quais atraíam pessoas em busca de sua sabedoria e suas histórias.

Ao contar a história de Peter Pan, Dona Benta faz uma série de acréscimos e modificações em relação ao clássico, adaptando a história para o entendimento das crianças e trazendo-a um cenário bem brasileiro. Em meio às suas atividades domésticas, ela sempre encontra um tempinho para ler um bom livro e contar as histórias a seus netos e demais personagens do Sítio. Ela não só traduz a história, como também responde a todos os questionamentos feitos na maior parte do tempo por Emília, a respeito de algumas palavras próprias da língua e cultura inglesas, como por exemplo, *nursery*.

— Nursery (pronuncia-se nârseri) quer dizer em inglês quarto de crianças. Aqui no Brasil quarto de criança é um quarto como outro qualquer e por isso não tem nome especial. Mas na Inglaterra é diferente. São uma beleza os quartos das crianças lá, com pinturas engraçadas rodeando as paredes, todos cheios de móveis especiais, e de quantos brinquedos existem (LOBATO, 2011, p. 14).

Uma figura bastante interessante aparece já no início da narrativa, Nana, a babá, que não era uma criada e sim uma cachorra que fazia tudo, desde dar banho nas crianças, até coloca-las para dormir. A Sra. Darling todas as noites contava a seus filhos diversas histórias as quais Peter Pan ouvia pela janela. Certo dia, quando a Sra. Darling terminou de contar uma história, ao apagar a luz e acender a lamparina viu uma sombra esquisita na parede e correu depressa para fechar a janela, foi quando prendeu a sombra da cabeça de Peter.

Nesse ponto da narrativa, encontramos o primeiro diferencial entre Barrie e Lobato. Em Barrie, vemos que quem prende a sombra é Nana, a babá. Já em Lobato é a Sra. Darling que, no susto, guilhotina a cabeça de Peter com janela.

Assustou-se, está claro, porque as boas mães se assustam por qualquer coisinha, e correu a fechar a vidraça. Fez isso tão depressa que a sombra não teve tempo de retirar-se e foi guilhotinada. Por essa e outras é que tais vidraças de subir e descer, como as nossas aqui do sítio, são chamadas “vidraças de guilhotina” (LOBATO, 2011, p. 16).

Na narrativa clássica, Peter Pan perde toda a sombra e em Lobato perde somente a cabeça da sombra. Com isso, vemos que Lobato deixa a história ainda mais interessante, pois um menino sem sombra talvez não fosse notado,

mas um menino com sombra sem cabeça é, no mínimo, algo intrigante e bem engraçado.

O encontro de Wendy com Peter se dá quando Sininho entra pela janela, e em seguida Peter também entra para resgatar a sua sombra. Em uma tentativa frustrada de colar a cabeça de sua sombra, com cuspo e sabão, o menino se desespera e se põe a chorar. Emília mais uma vez se manifesta:

- Se fosse eu – disse Emília – experimentava uma bisnaga de Cola-Tudo. O que cola tudo deve colar sombra também. - E onde achar a tal bisnaga de Cola-Tudo? - Todas as nurseries devem ter uma bisnaga de Cola-Tudo para colar os brinquedos. Eu se fosse à senhora Darling... (LOBATO, 2011, p. 19)

Wendy e Peter trocam algumas palavras enquanto a menina costura a cabeça da sombra. Wendy consegue colar a sombra e Peter se vangloria, como se tivesse sido ele a fazer tudo sozinho. A menina se irrita e discute com ele, que se desculpa:

- Oh, não se ofenda, Wendy! Eu tenho este defeito. Sou gabola de nascença. Quando qualquer coisa de bom me acontece, ponho-me sem querer a contar prosa. Seja boa. Perdoe-me. Reconheço que uma menina vale mais do que vinte meninos. (LOBATO, 2011, p. 21).

O menino era extremamente egocêntrico e sentia-se dono de si, já que saiu de sua casa no dia em que nasceu quando ouvira uma conversa de seus pais a respeito do que ele deveria ser quando crescesse. Em alguns momentos, Emília protagoniza a história, (se eu fosse fulano...), em outros rouba a cena ao discutir com tia Nastácia, como acontece quando Dona Benta conta que Wendy quase perde a fala ao ouvir Peter Pan dizer que mora com as fadas.

Aqui tia Nastácia interrompeu a narrativa para dizer: — Para mim esse menino estava embrulhando dona Wendy. Estou velha e só vi fada nas histórias. — Cale a boca! – berrou Emília. — Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e tocinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto uma fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu se fosse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma negra beijuda... (LOBATO, 2011, p. 22)

A fala da Emília justifica não só o anacronismo, mas representa um povo, assim como na Literatura Estrangeira, a Literatura / fantasia não era permitida aos negros, dada a circunstância territorial e histórica, assim, tia Nastácia não se abre à fantasia e é repreendida por Emília que, por sua vez, é repreendida por Dona Benta, que não admite que Emília fale com tia Nastácia naquele tom. Tia Nastácia tinha certo desprezo por Peter, talvez pela leve semelhança, física e aventureira, com o saci, personagem do folclore brasileiro, que tanto a perturba no Sítio.

Em seguida, Dona Benta retorna para história, contando do convite de Peter Pan a Wendy, de ir com ele para a Terra do Nunca, para que assim pudesse se tornar uma espécie de mãe e contadora de histórias para os meninos perdidos, já que o principal motivo do convite foi pelo fato de Wendy também saber várias histórias.

É pertinente destacar que, tanto na versão de Barrie, quanto na adaptação de Lobato, a figura paterna é praticamente ignorada e a figura materna exaltada, a exemplo da Sra. Darling, a Wendy, e em Lobato a Dona Benta, que é avó, mas assume o papel de mãe. Wendy e seus irmãos partem para a Terra do Nunca voando com ajuda do pó mágico que certa fada deu a Peter. O tal pó mexe com as crianças do Sítio e as fazem questionar se não seria o mesmo pó de pirlimpimpim.

- Estou desconfiado – disse Pedrinho – que o tal pó mágico de Peter Pan era o pó de pirlimpimpim. – E quem nos garante que o tal Peninha, que deu a você o pó de pirlimpimpim, não seja esse mesmo Peter Pan? Aquela história de Peninha ser invisível está me parecendo artemizice de Peter Pan para nos empulhar. – Pode ser. Tudo pode ser – concordou Pedrinho, pensativo. (LOBATO, 2011, p. 27)

A partir daí, tem início uma surpreendente história: Emília traz o texto para o contexto do Sítio do Pica-pau Amarelo e decide cortar a sombra de Tia Anastácia. Ao apagar o lampião, a cabeça da sombra de tia Nastácia também havia desaparecido. Os mundos de ambas as ficções entram em conexão e a Terra do Nunca agora está no Sítio do Pica-Pau Amarelo. No dia seguinte, a sombra havia desaparecido mais um pedaço, e paralelo à história de Peter Pan, instaura-se uma nova história e Dona Benta alimenta mais ainda a

imaginação das crianças, comentando de sua desconfiança daquilo ser uma travessura de Peter Pan:

Dona Benta foi de opinião que aquilo só poderia ser arteirice do Peninha, ou talvez do próprio Peter Pan, que houvesse entrado na sala às escondidas, no momento em que todos estavam mais distraídos com a história. (LOBATO, 2011, p. 28)

A partir desta noite, todos os capítulos passam a iniciar-se com o fato da sombra que vai desaparecendo. Enquanto isso, Dona Benta continua contando que os meninos perdidos brincavam, esperando com ansiedade que Peter voltasse para terminar a história que ouvira da Sra. Darling. Antes que isso acontecesse, foram surpreendidos por um barulho, eram os piratas que vinham para mais uma tentativa de captura-los. O chefe deles era o Capitão Gancho, maior inimigo de Peter Pan. Os meninos correram e se esconderem, em seguida, foi os piratas que foram surpreendidos pelo crocodilo que era temido pelo capitão gancho, pois o mesmo o perseguia já há muito tempo, por haver gostado de comer a sua mão dada por Peter. Porém, sempre que se aproximava de gancho, ele era avisado graças ao barulho de um relógio que o crocodilo havia engolido.

(...) Este monstro não tinha medo nenhum do Capitão Gancho e começou a persegui-lo por toda parte. Tornou-se o azar da vida do pirata. O que valeu ao Capitão Gancho foi uma coisa que até parece mentira. Imaginem que o tal crocodilo também havia engolido um despertador que tinha corda por um ano e cujo tic-tac era muito forte. O tic-tac do despertador no estômago da fera fazia-se ouvir longe e servia de aviso ao Capitão, dando-lhe tempo de fugir com quantas pernas tinha. (LOBATO, 2011, p. 34).

A descrição feita por Barrie a respeito do medo que o Capitão Gancho tinha do crocodilo merece ser contada. O poderoso Lobo do Mar, com medo de uma simples criatura:

— Peter jogou a minha mão para um crocodilo que ia passando — lembrou com um calafrio. — Já percebi que o senhor tem medo de crocodilo — Barrica falou. — De crocodilo, não — Gancho o corrigiu, baixando a voz. — Daquele crocodilo. Ele gostou tanto da minha mão que nunca mais parou de me seguir, de um mar a outro, de uma terra a outra, lambendo os beiços, imaginando o gosto do resto... — Não deixa de ser uma espécie de elogio — disse Barrica. — Dispensar esse tipo de elogio — o capitão replicou, irritado. — Quero pegar o



Peter Pan, que fez aquela fera ter tanta vontade de me devorar. — Gancho sentou-se num cogumelo enorme e, com a voz trêmula e rouca, declarou: — Aquele crocodilo já teria acabado comigo, mas por sorte engoliu um relógio que agora está fazendo tique-taque lá dentro dele, de modo que, quando o safado se aproxima de mim, eu escuto o tique-taque e trato logo de escapular — e riu um riso amarelo. — Um dia o relógio para de bater e ele pega o senhor — Barrica observou. (BARRIE, 1999, p. 52)

Os peles vermelhas também estavam na pista dos piratas e os lobos na pista dos meninos, mas os meninos, que já haviam aprendido de Peter como fazer para se livrar dos lobos, logo despistaram os temidos predadores.“ - Que história é essa, vovó? Então os índios eram inimigos dos piratas?- Eram aliados de Peter Pan e inimigos do Capitão Gancho, contra o qual andavam em guerra feroz” (LOBATO, 2011, p. 37).

A todo tempo, no texto de Lobato, somos surpreendidos por participações dos personagens do Sítio, na história de Peter Pan. No decorrer do texto, Dona Benta é cercada por interrupções, muitas vezes feitas por Emília. As interrupções obrigam Dona Benta a dar uma pausa na história para alguns esclarecimentos e, por vezes, a narrativa só volta a desenvolver-se com reivindicações de Pedrinho ou Narizinho, e outras vezes, é a própria Dona Benta que se cansa de tantas interrupções, dizendo que, com tantas interrupções, a história não chegaria ao fim.

A chegada de Wendy e seus irmãos à Terra do Nunca já começa muito conturbada. Wendy vinha mais adiantada com Sininho, que a deixou, e foi ao encontro dos meninos perdidos para dizer que Peter havia mandado atirar naquele enorme pássaro branco. Os meninos cumpriram o que Sininho havia falado, achando que estavam obedecendo às ordens de Peter, porém era mentira da fada, ela tinha muito ciúmes da menina. Peter se irritou com Sininho, mas nada aconteceu com Wendy, graças ao botão-beijo que havia guardado com ela. Enfim a mãe tão esperada pelos meninos havia chegado. A Terra do Nunca estava em festa e os meninos começaram a construir uma casinha para Wendy.

No texto de Barrie, Peter pede que Wendy conte como ela quer a casinha. Percebe-se mais uma vez a preocupação do autor em detalhar até as cores de todas as coisas em seu texto, o que não acontece na narrativa lobatiana, que

ao invés de delimitar as cores das paredes e telhado, fala do terreiro e do jardim, deixando-a bem parecida com a casa do Sítio.

Eu quero uma casa linda, a menor que há no mundo, com paredes vermelhinhas e telhado verde-musgo. (BARRIE, 1999, p. 62).

Uma casinha quero ter, que menor não haja no mundo: terreiro bem limpo na frente, jardim de mil flores no fundo (LOBATO, 2011, p. 42).

E assim foi feito. Wendy logo começou a contar histórias das mais diversas, começando por Cinderela, até que tudo dormisse na Terra do Nunca e no Sítio também.

São seis noites de serão, em que Dona Benta conta a história do menino que não queria crescer e sempre na melhor parte da história acontece uma interrupção para o capítulo ou noite seguinte, deixando os ouvintes e leitores ansiosos para saber o desfecho das duas histórias, tanto de Peter Pan, quanto da sombra da Tia Nastácia que a cada dia desaparece um pedaço: “Na terceira noite, Tia Nastácia apareceu na sala ainda mais desapontada do que na véspera. O que estava acontecendo com a sua pobre sombra era simplesmente monstruoso” (LOBATO, 2011, p. 44).

Visconde, neste capítulo, se transforma em um detetive tão eficiente quanto Sherlock Holmes e começa a investigar como a sombra desaparecia a cada manhã. Na Terra do Nunca, os irmãos Darling, Peter Pan e os meninos perdidos vivem as mais diversas aventuras como a da Lagoa das Sereias, onde segundo a história de Dona Benta as crianças tentaram de todas as formas capturar uma sereia, fato que não ocorre na narrativa de Barrie. Acrescentando este fato à história, Dona Benta desperta ainda mais a curiosidade das crianças:

Os meninos perdidos tinham muita vontade de apanhar uma sereia viva, coisa quase impossível por serem espertas demais. Não há lambari arisco que tenha a ligeireza duma sereia. Eles já haviam tentado várias vezes e agora iam tentar novamente. (...) — “Lá está uma sereia-menina, das fáceis de pegar! cochichou ele, apontando. Temos que ir com muitas cautelas. Era uma sereiazinha das mais lindas que a gente possa imaginar. Teria aí seus sete anos de idade, já sabia pentear-se com o seu pentinho de ouro e já começava a cantar as primeiras cantigas. Tão distraída estava, a seguir os movimentos dum caranguejo na pedra, que deixou os meninos se aproximarem até bem perto. Miguel, que vinha na frente, não se conteve e – zás! – deu um pulo em cima dela. — Pegou? quis saber Narizinho, ansiosíssima.— Desta vez pegou, respondeu dona Benta –

mas não a segurou bem. As sereias são as criaturas mais lisas que existem, dez vezes mais que o sabão, de modo que a sereiazinha escorregou das unhas de Miguel e lá se foi para o fundo, tal qual a primeira. (LOBATO, 2011, p. 46).

Entre uma batalha e outra com o Capitão Gancho, os dias passam na Terra do Nunca e também no Sítio, e Visconde ainda não descobriu nada a respeito do paradeiro da sombra da Tia Anastásia, que a cada dia some mais uma parte.

Paralelo às aventuras com os meninos, Wendy arruma sempre um tempo para contar novas histórias. Até que um dia resolveu voltar para casa e convidou todos os meninos perdidos para irem também. Tal foi a alegria de todos, com exceção de Peter, que não suportava nem pensar na ideia de voltar novamente ao mundo real e cruel em que viviam.

Tudo pronto para partirem, quando um barulho é ouvido lá fora, eram os piratas e os peles vermelhas em guerra. Os meninos esperam que enfim os índios vençam e toquem o tantã. Ouviram o tantã e saíram, porém foram capturados pelos piratas que haviam derrotado os índios e tocado o tantã para confundir os meninos. Gancho vendo que Peter não saiu resolveu colocar uma gota de veneno no seu remédio. A fada Sininho percebeu e, na versão contada por Dona Benta, nem avisou a Peter que o remédio estava envenenado e foi logo tomando o remédio. Quando Peter percebeu o ocorrido, Dona Benta narra um dos episódios mais bonitos da história.

Peter Pan franziu a testa com toda a força e teve imediatamente uma grande ideia. Subiu pelo oco e lá fora trepou à árvore mais alta. E bem de cima gritou para o mundo, com toda a força dos pulmões: — "Quem acreditar em fadas, que bata palmas até não poder mais! É esse o único meio de salvar a minha querida Sininho!..." Tão sincero e sentido foi aquele grito, que todas as crianças da terra o ouviram — e milhões e milhões de palmas ressoaram pelo mundo afora. Uma barulhada de atordoar a gente... — E o resultado? — perguntou Narizinho, ansiosa. — Foi ótimo, um verdadeiro milagre. A luz de Sininho começou a brilhar de novo e os tlin-tlins tornaram-se ainda mais fortes do que antes. Sininho estava salva! (LOBATO, 2011, p. 64).

Após ver que sua amiga estava salva, Peter Pan corre para tirar Wendy e os meninos perdidos das garras do Capitão Gancho. Chegou a hora da batalha final. Peter planeja uma cilada para Gancho, arma todos os meninos

perdidos e começa a batalha. Peter conseguiu soltar Wendy e colocar-se em seu lugar. Todos os piratas vão sendo derrotados um a um. Quando Capitão Gancho vai jogar a menina no mar, aparece Peter Pan e os dois começam a duelar. Gancho pergunta a Peter quem ele era, e tanto na versão clássica quanto na lobatiana, vemos que Peter Pan se autodefine como a juventude e alegria da vida.

Sem fazer muito esforço, Peter Pan vence o Capitão Gancho, que cai direto na boca do crocodilo. E as crianças festejam a vitória, na Terra do Nunca e também no Sítio do Pica-pau Amarelo: “— Bravos! — exclamou Pedrinho. Eu sabia que ia suceder isso. Menino protegido pelas fadas acaba sempre vencendo” (LOBATO, 2011, p. 72).

A história do menino que não queria crescer estava chegando ao fim. Enquanto que o desfecho da história misteriosa da sombra de Tia Anastácia que desapareceu gradativamente chegou ao fim. Visconde enfim descobriu autoria do feito. Foi Emília, que muito esperta, já havia arrumado um jeito de se explicar da acusação:

— Dona Benta — disse ela — explique ao Visconde o que é roubar. — Roubar é tirar uma coisa que pertence a outra pessoa sem autorização dessa pessoa — ensinou Dona Benta. — Muito bem — exclamou Emília — Mas se a coisa roubada continua no poder da dona, alguém pode afirmar que houve roubo? — Não, está claro que não. Mas que tem isso com o caso? — Muita coisa — replicou Emília — e voltando-se para tia Nastácia: — Acenda o lampião e veja se está mesmo roubada. Tia Nastácia acendeu o lampião e, com grande surpresa, viu que sua sombra se projetava inteirinha na parede, como antigamente. Todos arregalaram os olhos. — Vejam que Sherlock das dúzias é o tal Senhor Visconde! — gritou Emília, dando uma risada irônica. — Acusou-me de ter furtado uma coisa que não foi furtada! A sombra de tia Nastácia está direitinha como sempre foi. (LOBATO, 2011, p. 74).

De fato, a sombra da Tia estava lá. Mas Dona Benta conhecia bem as reações da boneca Emília e tratou de repreendê-la, perguntando e se a sombra não tivesse colado?

Agora sim, os irmão Darling já podem voltar para casa com os meninos. A mãe recebe de volta os filhos com alegria e os meninos perdidos agora têm uma mãe, exceto Peter Pan, que decide voltar para Terra do Nunca depois que a senhora Darling promete aos irmãos e aos meninos que o visitariam uma vez

por ano por uma semana. Peter volta para a terra do nunca, permanecendo eternamente jovem e a cada ano volta a mesma janela aberta para visitar Wendy, depois sua filha, sua neta e assim se segue de geração em geração.

– Peter pan é eterno, mas só existe em um momento da vida de cada criatura, (...) no momento em que batemos palmas quando alguém nos pergunta se existem fadas. (...) É o momento em que somos do tamanho dele. Mas depois a idade vem e nos faz crescer... e Peter Pan, então, nunca mais nos procura... (LOBATO, 2011, p. 83)

Ao final da narrativa, Lobato eterniza na vida de cada criança a figura de Peter Pan. De fato, era essencial apresentar o clássico ao leitor brasileiro, e fazê-lo perceber a universalidade da narrativa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Cada vez que uma criança diz Eu não acredito em fadas em algum lugar uma pequenina fada cai morta no chão.”*  
(BARRIE, 1999, p. 45)

Ao realizar nossa pesquisa, percebemos que Lobato cumpriu com o seu projeto de criar uma literatura brasileira que possuísse interseção com o clássico inglês, mas que pudesse também ser contada em nosso contexto, mantendo o apelo à fantasia e a imaginação.

Dessa forma, a releitura do clássico torna-se muito importante, pois sugere como através das mudanças sofridas pelo texto original, os fatos relacionados à história inglesa se aproxima do leitor brasileiro, fazendo-o compreender contextos que, porventura, estaria distantes de sua realidade. A maneira com que Dona Benta conta a história, o modo como utiliza os intertextos, fazendo com que os personagens do texto clássico interajam com os personagens de nossa cultura, aguçam ainda mais a imaginação das crianças e o interesse pela leitura.

Desse modo, vemos que as possíveis barreiras existentes entre os textos, sejam relacionadas ao espaço, ao tempo, à caracterização de seus personagens, são diluídas pela intertextualidade, fazendo com o que o leitor possa acessar duas histórias ao mesmo tempo e abrir horizontes para a

construção de significados, seja da narrativa clássica, seja da narrativa moderna.

## REFERÊNCIAS

BARRIE, James Matthew. **Peter Pan e Wendy**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Disponível em:  
<http://cauemcardoso.files.wordpress.com/2010/01/j-m-barrie-perter-pan.pdf>.  
Acessado em 26/09/2014.

BARROS, Diana L., FIORIN, José L. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin**. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 1994.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil. Teoria Análise Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOBATO, Monteiro, **Peter Pan**. São Paulo: Globo, 2011.